

Interesses em comum

A globalização, por si só, aproxima os quatro cantos do globo. A internet viabiliza informações praticamente em tempo real, redes de relacionamento sociabilizam pessoas de todos os continentes. Essa é uma aproximação virtual, mas o que nos impede de protagonizar uma que seja real e que influencie diretamente em nossas vidas?

Estreitar laços de relacionamento sempre requer análises sobre o que cada parte pode oferecer a outra: interesses comuns ou trocas de favores são, geralmente, os fatores que mais influenciam na consumação, ou não, de acordos políticos. Outro fator importante deve-se à influência de cada uma das partes no mundo, ou em um grupo específico. Esse é o cenário no qual se deu a aproximação entre Brasil e Estados Unidos.

É de extrema sabedoria estar perto de quem tem status e influência e, tanto Brasil como EUA, têm bons “produtos de troca”. A potência norte-americana, apesar da recessão econômica e das polêmicas referentes às guerras das quais participa, exerce grande influência no cenário mundial: o dólar é a moeda internacional, o inglês é praticamente obrigatório; muitas coisas ainda giram em torno dos Estados Unidos. O Brasil, por sua vez, é um país influente e, até certo ponto, respeitado na América Latina, possui recursos naturais e minerais em abundância e é dotado de uma economia com bom potencial.

Como em qualquer relacionamento, há diferenças de opiniões e políticas, porém a troca que poderá ser feita entre os dois países parece boa. É importante para o Brasil manter boas relações com os EUA, já que os norte-americanos importam muitos produtos brasileiros e vice e versa. A política da “boa vizinhança” deve funcionar para os dois lados: EUA terão um “aliado” no Mercosul e, como grande avanço, o Brasil poderá investir mais e melhor em pesquisa e desenvolvimento, para que a população veja e sinta as melhorias na economia.

Autor: Juliana Barbosa Bertotti
(versão original)